Leg. protocolo nº 683 (Folha 19) 2º volume

AZIZ NACIB AB'SÁBER

A CIDADE DE MANAUS

(Primeiros Estudos)

Separata do
BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA
N.º 15 — Outubro de 1953 — De pag. 18 a 45

Est. 3
Fila
779
comp.
10-5-54 Agradecido
Mário Ypocrisia ect. pgs. 23-28-44

SÃO PAULO
(BRASIL)

Reg. protocolo nº 683 (Folha 19) 2º volume

AZIZ NACIB AB'SÁBER

Ao Prof. Mário Ypiranga,
de cujos trabalhos muito aproveitei
na confecção desta humilde mono-
grafia, os agradecimentos e
admiração do autor.
Aziz A'Sáber
SP - 12 - 1 - 54

A CIDADE DE MANAUS

(Primeiros Estudos)

Separata do
BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA
N.º 15 — Outubro de 1953 — De pag. 18 a 45

779

SÃO PAULO
(BRASIL)

Amm
0234

A CIDADE DE MANAUS

(Primeiros Estudos)

AZIZ NACIB AB'SÁBER

A exemplo de tantas outras cidades brasileiras, a capital do Estado do Amazonas não teve, até aqui, quem lhe fizesse um estudo de geografia urbana. Ao prof. AZIZ NACIB AB'SÁBER, sócio efetivo da A. G. B., professor de Geografia Física da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" e assistente da cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, cabe a honra de dar um importante passo, nêsse sentido, através do estudo preliminar que hoje publicamos. É o resultado de observações pessoais, realizadas em janeiro do ano corrente, e do manuseio da bibliografia que teve oportunidade de compulsar.

Manaus e sua posição geográfica na Amazônia. — Enquanto Belém é o entrepôsto da fachada atlântica de toda a Amazônia Brasileira (1), Manaus é a verdadeira capital da hinterlândia amazônica. Colocada exatamente entre a Amazônia Ocidental e a Oriental, num ponto do principal eixo de navegação fluvial do Brasil, é uma espécie de élo entre a navegação fluvial, rudimentar e extensiva, e as grandes rotas marítimas de cabotagem. Possúi, por essa razão, uma situação geográfica absolutamente privilegiada em face das extensões amazônicas e do gigantesco quadro de drenagem da bacia hidrográfica regional.

A partir de Manaus, através da confluência do Negro com o Solimões, tanto para oeste, como noroeste e sudoeste, o esqueleto geral da rêde hidrográfica do Amazonas apresenta aspecto marcadamente centrípeto, convergindo de todos êsses quadrantes para o pequenino fragmento de tabuleiro, onde a cidade foi implantada. Na verdade, um vasto leque formado por grandes rios consequentes da Amazônia Ocidental possúi seu fêcho de raios à altura de Manaus.

---

(1) Veja PENTEADO (Antônio Rocha), *Belém do Pará* (Primeiros estudos), em "Anuário da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae" (1948-49), págs. 57-69, São Paulo, 1949.

Se é que êsse centripetismo hidrográfico existe em muitas outras regiões brasileiras, mormente na bacia do Paraná e em parte da bacia do Maranhão-Piauí, foi sòmente na Amazônia que êle pesou sobremaneira no rítmo de desenvolvimento de uma grande cidade. Explica-se fàcilmente o fato: alí o aglomerado urbano, por mais de dois séculos, não dependeu de nenhuma rota terrestre, mas tão sòmente dos rios de planície e de uma história econômica ligada ìntimamente à navegação fluvial. As outras bacias sedimentares brasileiras foram soerguidas a planos altimétricos bem mais elevados, redundando na formação de vastas áreas de planaltos interiores, seccionados por maturos rios de planalto, acidentados e encachoeirados. Daí não terem engendrado condições de situação geográfica semelhantes àquelas que nos explicam a cidade de Manaus.

Tecendo comentários em tôrno de problemas referentes ao sítio e situação de Manaus, Spix e Martius parece terem sido os primeiros viajantes e naturalistas a destacar a importância que a posição geográfica da cidade poderia significar mais tarde (2): "A Barra-do-Rio-Negro, com o crescimento da população, tornar-se-á praça muito importante para todo o comércio com o "hinterland" do Brasil. A sua situação em saudável e aprazível altitude, dominando todo o rio Negro, na proximidade do Amazonas e não distante da foz do Madeira, não poderia ter sido mais felizmente escolhida. O rio Negro e seus dois principais afluentes, o Uaupés e o Branco, são atualmente, na verdade, bem pouco povoados e cultivados; uma vez, porém, que estas férteis terras sejam enobrecidas pela indústria e civilização, a sua via natural de comércio — a Barra, florescendo em rica e poderosa cidade comercial, será a chave da parte ocidental do país." Embora lentamente, a marcha dos acontecimentos vêm demonstrando o quanto de acertado havia na predição dos dois ilustres sábios que passaram pela Amazônia nos fins do primeiro quartel do século XIX.

Idênticamente, Henry Walter Bates, em alguns trechos de sua obra, na parte referente a Manaus, chama a atenção para a excelência da posição geográfica da cidade (3): "A situação da cidade tinha muitas vantagens; o clima é salubre; não há pragas e insetos; o solo é fertil *(sic)* × e capaz de dar todos os produtos tropicais (o café do Rio Negro, especialmente, é de qualidade muito superior), e está perto da confluência de dois grandes rios navegáveis. A imaginação fica excitada, quando a gente reflete sôbre as possibilidades futuras desta localidade, situada perto da parte equatorial

(2) SPIX (J. B.) e MARTIUS (C. E. P. von), *Viagem pelo Brasil*, tradução brasileira de Lúcia Furquim Lahmeyer, vol. III, pág. 212, Rio, 1938.

(3) BATES (Henry Walter), *O Naturalista no Rio Amazonas*, tradução brasileira de C. Melo Leitão, vol. I, pág. 362, Comp. Editôra Nacional, São Paulo, 1944

× Não entendo a razão do sic.

da América do Sul, no meio de região quase tão vasta como a Europa, da qual cada polegada é da mais exuberante fertilidade *(sic)*[x] e comunicando por água, de um lado com o Atlântico, e do outro com as repúblicas espanholas da Venezuela, Nova Granada, Equador, Perú e Bolívia."

Lembramos, por último, que Manaus embora diste 20 km da confluência entre o Negro e o Solimões, comporta-se rigorosamente como uma cidade fluvial de confluência: daí o seu humilde e ajustado apelido inicial de "Logar da Barra". Por outro lado, embora diste em média de 1.600 a 1.700 km do Atlântico e, pouco mais, de Belém, é um porto fluvial continental perfeitamente entrosado com as rotas de cabotagem e transatlânticas. A despeito disso, não é um ponto terminal da navegação amazônica; ao contrário, é uma etapa central e obrigatória, comandando as ligações entre a circulação atlântica em face das mais distantes e profundas linhas de circulação fluviais da América do Sul. Esboça-se, por exemplo, atualmente, o transporte do petróleo peruano, através do Rio Solimões, com destino a Manaus. Disso poderá resultar uma pequena captura econômica da maior importância para os destinos da cidade e da própria Amazônia Brasileira. São fatos inteiramente ligados à excelente posição geográfica da metrópole da Amazônia Central.

O sítio e a estrutura urbana de Manaus. — A cidade de Manaus assenta-se sôbre a porção ribeirinha de um sistema de colinas tabuliformes, pertencentes a uma vasta seção de um tabuleiro de sedimentos terciários situado na confluência do ric Negro com o Solimões.

O sítio de Manaus difere do de Belém principalmente no que se refere a questões de amplitude altimétrica; enquanto Belém tem por sítio urbano um nível de baixos terraços, mantidos por crostas limoníticas (nivel de Belém-Marajó) (4), Manaus encontra-se sôbre um baixo planalto, colocado de 20 a 30 m acima do nível médio do rio Negro (32 m de altitude na região). A amplitude altimétrica do sítio de Belém não excede a 6 e 8 m em média, através de rampas espaçadas e de um mosaico de longos patamares razos de terraços. Em Manaus, a fachada ribeirinha da cidade é marcada por um alinhamento de falésias fluviais de 20 a 50 m de altura, com reverso suave ou aplainado para o interior e com uma ruptura de declive brusca e direta em relação à estreita faixa de praias arenosas de estiagem do rio Negro. Por outro lado, os igarapés do terraço de Belém

(4) Veja MOURA (Pedro de), *O Relêvo da Amazônia*, em "Revista brasileira de Geografia", V, n. 3, Rio, 1943; e GOUROU (Pierre), *Observações geográficas na Amazôsia* (1.ª parte), em "Revista Brasileira de Geografia", XI, s. 3, Rio, 1949.

? 11

x Não entendo a razão do sic.

são representados por sulcos discretos no terreno e controlados pela oscilação diária das marés que atingem a baía de Guajará; enquanto isso se dá, os igarapés de Manaus ficam sujeitos apenas à oscilação anual do nível do rio Negro.

Os igarapés de Manaus possuem de 7 a 12 m de barranca lateral, representando vales que isolam os diversos blocos urbanos da cidade. Pontes de certa expressão cruzam os igarapés, demonstrando o vigor dos entalhes, realizados pela ascenção e declínio das águas, que anualmente afogam a embocadura dos antigos córregos regionais. Na realidade, o igarapé típico de Manaus é um baixo vale afogado pela sucessão habitual das cheias do rio Negro, em pontos da margem de ataque da correnteza do grande caudal. Trata-se de um tipo especial de "rias" internas de água doce, conforme observação justa

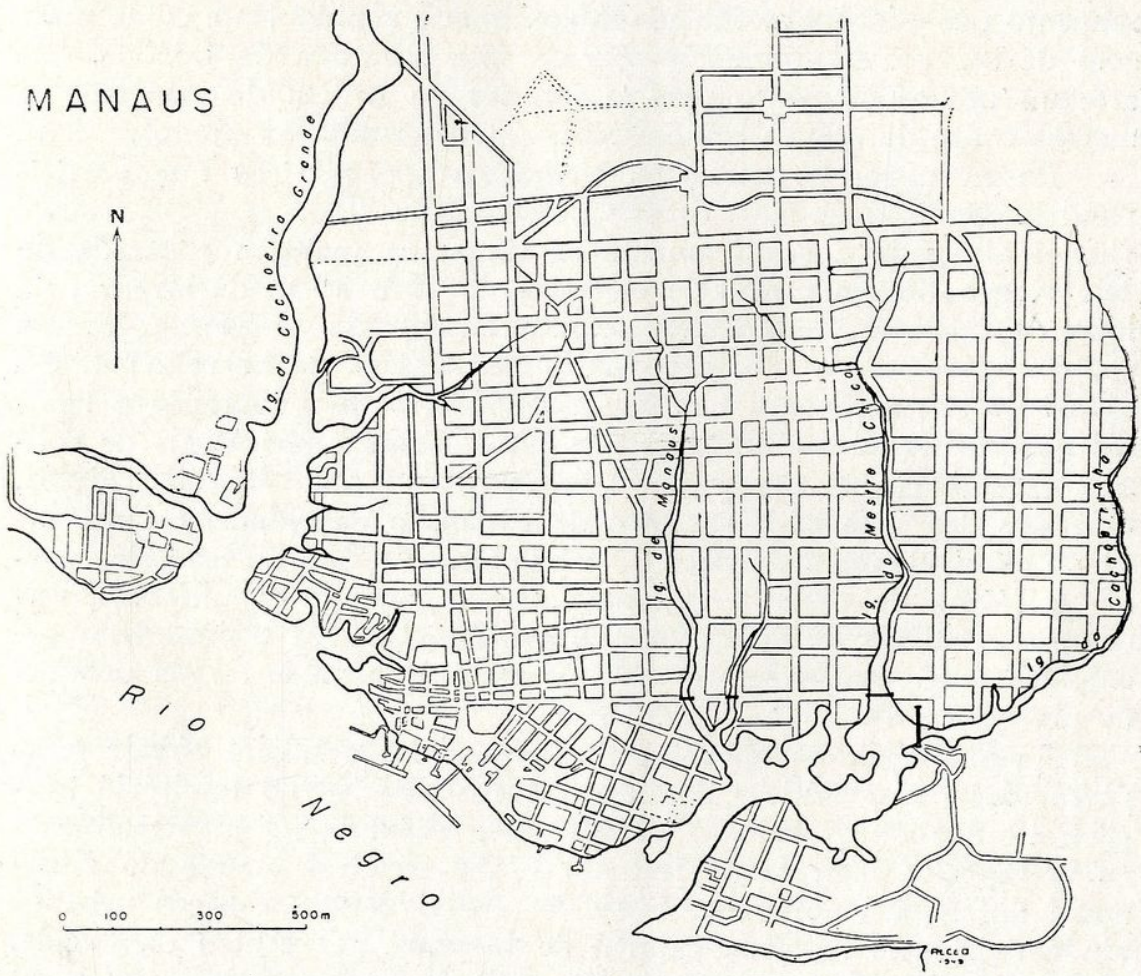

FIG. 1 — *Planta de Manaus*, focalizando os principais igarapés que influem na "compartimentação" dos diversos blocos urbanos da cidade (Extraida do trabalho de Pierre Gourou — "Observações geográficas na Amazônia" — Rev. Bras. de Geogr., ano XI, n. 3, 1949).

de Gourou (5). Na estiagem as águas dos igarapés baixam tanto que se transformam em modestos ribeirões, sendo que, pelo menos por 1 ou 2 km do seu curso, a partir da barra no rio Negro, sempre possuem água e profundidade para a circulação de toda sorte de pequenas barcaças. A cauda do igarapé, por êsse tempo, é marcada por razos bancos arenosos, por onde escorrem sinuosamente um ou mais filetes d'água de alguns decímetros de largura.

A estrutura urbana de Manaus está ligada, no setor planimétrico, ao traçado sinuoso das colinas interfluviais que separam os igarapés e, no setor hipsométrico, com os diversos níveis intermediários escalonados existentes no dôrso dos tabuleiros terciários. O terraceamento regional nada tem a vêr com a calha do rio Negro, mas sim com trechos curtos dos flancos dos pequenos vales constituidos pelos igarapés que seccionam o tabuleiro. O rio Negro, próximo de seu ângulo de confluência com o Solimões, após a fase de encaixamento pós-pliocênica, funcionou contínua e ràpidamente como margem de ataque, esculpindo aquela extensa amurada de falésias, que atestam um afastamento para o interior da ordem de centenas de metros e até de alguns quilômetros, em determinados pontos.

Resumem-se, portanto, os elementos topográficos que participam da condição de sítio urbano de Manaus: 1. em uma "barreira" fluvial alongada e relativamente contínua, na margem esquerda do Rio Negro; 2. em praias de estiagem de 10 a 20 m de largura, na base da barreira, totalmente inundáveis durante as cheias; 3. em colinas suaves e de níveis variáveis no reverso da barreira; 4. em níveis de terraceamento nos flancos dos principais igarapés e ligeiras rampas de acesso entre os terraços e os diversos níveis de colinas esculpidas no dôrso do tabuleiro terciário. Alguns bairros, oriundos das fase mais recentes de expansão da cidade, estão atingindo os níveis mais elevados do tabuleiro. O tôpo do tabuleiro possúi a forma de extensa esplanada, marcadamente tabuliforme, enquanto os niveis altimétricos intermediários asilam colinas bem esculpidas que permanecem como que embutidas entre largos desvãos do nível superior.

Às praias de estiagem corresponde uma verdadeira *cidade palafítica,* das mais exóticas e pitorescas encontradas no território brasileiro. Por outro lado, o próprio rio, assim como principalmente os igarapés, asilam casas flutuantes que ficam à mercê do rítmo anual das águas, aproveitando-se dos mais rústicos espaços urbanos ainda existentes na zona central de Manaus. O centro da cidade, por sua vez, encontra-se nas terras firmes correspondentes ao nível dos terraços dos flancos dos igarapés. Exceção feita dêsses elemen-

(5) GOUROU (Pierre), obra citada — págs. 391-395.

tos tão variados, situados entre as altas margens do Rio Negro e a embocadura dos igarapés manauenses, os outros bairros da cidade estendem-se pelo sistema de colinas esculpido nos terrenos arenosos do tabuleiro pliocênico de Manaus. De modo geral, os bairros mais pobres e modestos estão nas praias de estiagem nos flancos internos dos igarapés e no reverso ondulado da barreira fluvial, enquanto os mais ricos envolvem a porção central da cidade, formando um cinturão irregular nas colinas de altitude média, dotadas de maior continuidade e suavidade de formas topográficas.

As origens do povoado do Lugar da Barra. — Meio século após a fundação de Belém (1615-16), os sertões amazônicos do rio Negro passaram a ser objeto das incursões portuguêsas provenientes dos núcleos atlânticos pré-existentes (São Luiz e Belém). Mormente a partir de 1657 e 1658, algumas expedições preadoras — réplica do bandeirismo paulista ao longo dos caudais amazônicos — incursionaram pelo rio Negro, cruzando sem maiores reparos o sítio que um dia iria conter a grande cidade. Na região, as preferências iniciais estiveram ligadas à boca do Tarunã, situada a 30 km da barra do Rio Negro, aproximadamente a 3 léguas à montante de Manaus.

Enquanto os soldados expedicionários executavam verdadeiras caçadas humanas, os missionários pioneiros procediam à catequese, tentando agrupar os índios tarunãs e tribus vizinhas. A lei da época ordenava que "um sacerdote assistisse sempre ao caçador de escravos" (6). A par com os índios catequisados e aldeados pelos missionários jesuitas havia o grupo dos prisioneiros das odiosas expedições de resgate, que eram enviados para Belém como escravos e alí muito bem recebidos para mão de obra servil e utilizados nos mais diversos misteres.

Por volta de 1661, graves acontecimentos históricos se sucederam, vindo influir no povoamento da região: os Jesuitas, que eram uma espécie de fator de equilíbrio entre o apresamento e o povoamento efetivo, foram expulsos. Ao mesmo tempo, as repetidas incursões holandesas pelo Orinoco e espanholas pelo Solimões se intensificaram ameaçadoramente, pondo em jôgo o destino de grandes porções da Amazônia portuguêsa. Por sugestão do temível preador Costa Favela, após o seu regresso da expedição de 1668, o Governador do Pará mandou construir uma fortaleza no "Logar da Barra", afim de servir de base para a defesa tanto do Rio Negro como eventualmente do Solimões. Pela primeira vez botava-se re-

(6) MONTEIRO (Mario Ypiranga), *Fundação de Manáus: aspectos do panorama histórico-social do antigo Lugar da Barra*, 2.ª edição, Manáus, 1952, pág. 35.

paro na excelente posição geográfica do local; descobria-se assim, em primeiro lugar, a situação estratégica que um dia iria ser o fundamento da própria situação geográfica privilegiada de Manaus.

A construção do *Forte de São José do Rio Negro,* em 1669, foi dirigida pelo capitão de artilharia Francisco da Mota Falcão. Tratava-se de "um simulacro de Fortaleza, de forma quadrangular, em pedra e barro, sem fôsso" (7). Sua paisagem devia contrastar sobremaneira com o quadro das maciças *casas fortes* construidas pelos portuguêses em outros pontos estratégicos da Amazônia. A despeito de sua rusticidade e modéstia, foi "sob a proteção daqueles canhões" que surgiu o povoado da Barra; a "casa forte precedeu o povoado", segundo o dizer expressivo de Mário Ypiranga Monteiro.

Aos poucos, o aldeamento da boca do Tarunã foi decaindo, enquanto o *Lugar da Barra* passou a ser o novo foco de atração para os índios regionais. Os manaus foram aldeados e incorporados à vida do pequenino povoado, o mesmo tendo acontecido com outras tribus dos arredores. Logo os missionários Carmelitas vieram substituir os Jesuitas expulsos, na faina da catequese; chegaram ao Lugar da Barra a partir de 1695, reorganizando a vida do aldeamento de soldados e índios perdido naquelas longínquas paragens da Amazônia. A mestiçagem entre portuguêses e índios, a princípio desregrada, foi aos poucos sendo legalizada através de sucessivos casamentos, graças principalmente à presença e influência moral dos missionários.

Fundada a vila de Mariuá (1758), no terceiro quartel do século XVIII, posteriormente transformada em capital da Capitania do Rio Negro, foi retardado ainda mais o desenvolvimento da futura cidade de Manaus. O Lugar da Barra permaneceu na categoria de modesta parada forçada para os que demandavam o alto Rio Negro, em busca de Mariuá (Barcelos). São José do Rio Negro ficou marcando passo como ínfimo lugarejo de beira-rio, onde vegetava uma indolente população de índios aldeados e de uns poucos soldados-colonos, sem nenhuma função militar importante. A futura Manaus era ainda o "Lugar da Barra", uma simples etapa de longos roteiros fluviais.

Convém lembrar que, por êsse tempo, havia uma irreprimivel tendência para o povoamento concentrado na Amazônia: dominava em todos os pontos o "habitat" concentrado, semi-rural, complementado por pequenas e variadas atividades de subsistência. O ciclo econômico da borracha, muito mais tarde, iria redundar na transformação dessas aglomerações iniciais em cidades e na redis-

(7) MONTEIRO (Mario Ypiranga) obra citada, pág. 36.

tribuição dos homens pelas zonas ribeirinhas das planícies aluviais, através de uma dispersão linear típica.

O crescimento da cidade de São José da Barra. — A estatística mais antiga que possuimos do lugarejo remonta a 1774: o Lugar da Barra possuia a êsse tempo 220 habitantes, contando-se os soldados da guarnição e os índios. Uma estatística de 1778 acusa 256 habitantes, distribuidos da seguinte forma: 34 brancos, 220 índios e 2 escravos negros. Como observa Mário Ypiranga Monteiro, cujas informações nos estão guiando muito de perto, a lei de 6 de junho de 1755 sustou a escravidão do índio e, ao mesmo tempo, abriu as portas aos primeiros escravos negros, através de uma corrente extremamente reduzida.

Os dados estatísticos de Alexandre Rodrigues Ferreira, em relação ao ano de 1786, mostram o crescimento lentissimo da população local: havia por êsse tempo apenas 301 habitantes (47 brancos, 243 índios e 11 negros), repartidos por 40 habitações. Irrisória, portanto, a população do aldeamento, um século após sua fundação. Produzia-se de tudo um pouco na região, visando-se o auto-abastecimento: milho, café, algodão, tabaco, arrôs e castanha. Fabricava-se farinha, em relativa abundância; teciam-se redes, as "maqueiras" tradicionais; praticava-se uma criação rudimentar e ínfima (20 cabeças de gado, em 1786). A tartaruga já interessava ao homem da região, quer como alimento, quer como fonte de produção de manteiga; cita-se mesmo que os primeiros e poucos escravos negros especializaram-se no fabrico da manteiga de tartaruga.

Em 1783, o Forte de São José da Barra já era uma sombra inútil dos tempos iniciais da dominação portuguêsa na Amazônia. Desaparecida aquela tensão militar dos primeiros dias e assegurado o domínio português por quase toda a Amazônia, as modestas bases intermediárias perderam sua função. Daí o fato do Forte da Barra ter sido desarmado, por volta de 1783, e dêle nada ter restado na paisagem urbana.

A ação administrativa de Lobo de Almada em relação a São José da Barra marcou um verdadeiro periodo de evolução para o lugarejo. Em poucos anos fez-se mais do que em todo o primeiro século de vida do povoado. Construiu-se o Palácio dos Governadores, multiplicaram-se as iniciativas úteis e práticas para melhor abastecer a região em produtos de uso corrente. Instalaram-se uma pequena fábrica de tecidos de algodão, uma cordoaria, uma olaria, uma padaria, uma fábrica de velas e outra de rêdes. Fez-se um pequeno estaleiro para a construção de canoas e barcos; estabeleceu-se um depósito de pólvora. Ampliou-se a guarnição local para 300

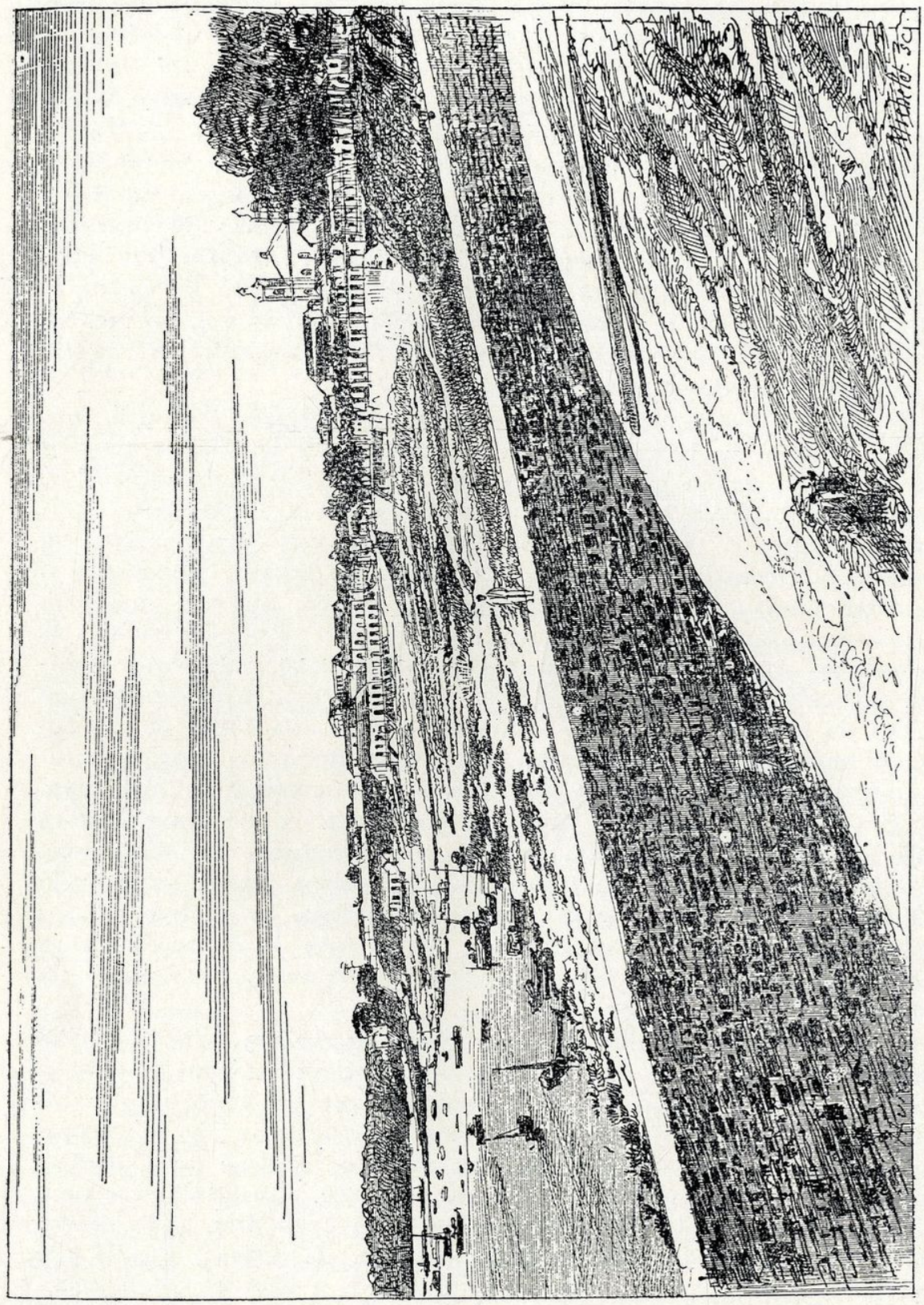

FIG. 2 — *A cidade de Manaus na 2.ª metade do século XIX.* — Fragmento da paisagem antiga da capital do Amazonas, retratando a cidade num período que precedeu a instalação do Pôrto e da Alfândega e que antecedeu o soterramento de um dos pequenos igarapés centrais do aglomerado urbano (Gravura extraída do livro de SANTA-ANNA NERY — "Les Pays des Amazones" — 1885).

homens. Enfim, Lôbo de Almada foi para Manaus, guardadas as devidas proporções, uma espécie daquilo que o Príncipe Regente seria anos mais tarde, para a cidade do Rio de Janeiro.

Em 1804, a Vila da Barra do Rio Negro era feita capital da Capitania do Rio Negro, depois Província do Amazonas, que se separou do Pará em 1852. Foi, portanto, apenas no alvorecer do século XIX que o Lugar da Barra transformou-se em capital, adquirindo pela primeira vez funções administrativas mais ponderáveis. Êsse aspecto tardio da aquisição das funções de capital tem muito a vêr com a história do crescimento da cidade.

Uma estatística de 1839 acusa 4.188 almas para a população da pequenina capital, além da presença de 379 escravos. Outrora, para um reduzido número de indivíduos livres, havia uma pequena massa de escravos; aos poucos, a inversão feliz se operou. Por essa época, entretanto, o Palácio dos Governadores era o mesmo edifício tôsco, coberto de palha, mandado construir 50 anos antes por Lôbo de Almada. O número de moradias da cidade não atingia a meio milheiro.

Quando o casal Agassiz visitou a cidadezinha, em 1865, possuia ela todos os defeitos urbanos e sociais de um povoado amazônico, minúsculo e segregado, nascido e crescido de um aldeamento de índios e à sombra de uma rústica fortaleza de soldados-colonos. Daí a observação irônica de Elizabeth Agassiz (8): "Que poderei dizer de Manaus? É uma pequena reunião de casa, a metade das quais prestes a cair em ruinas, e não se pode deixar de sorrir ao vêr os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos"... Manaus, a êsse tempo, era sobretudo uma cidade índia, onde a população de origem índia e os resíduos de costumes e atividades do índio, eram um fato na movimentação da vida urbana; apenas os índios pareciam ter uma vida mais livre e agradável, em face do clima e do ambiente físico. A iluminação pública do lugarejo, desde havia algum tempo era feita por um sistema de lampiões alimentados por manteiga de tartaruga, óleo de peixe-boi ou óleo de mamona. Nada de mais amazônico poderia ser imaginado do que êsse fato.

À medida que a população urbana crescia, as condições de abastecimento alimentar tornavam-se mais difíceis e precárias. Quando Henry Bates passou por Barra do Rio Negro, pela primeira vez, em 1850, anotou que a cidade "sofria de escassês crônica dos gêneros alimentícios mais necessários". Por ocasião de sua volta à

(8) AGASSIZ (Luis) e AGASSIZ (Elizabeth Cary), *Viagem ao Brasil*, (1865-1866), tradução brasileira de Edgar Süssekind de Mendonça. Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938, págs. 247-248.

cidade, em 1856, persistia o mesmo problema. De passagem, lembramos que foi por essa época, entre as duas estadias do naturalista na cidade, que a mesma adquiriu o seu atual nome de Manaus (1852).

Manaus e seu crescimento moderno. — Sòmente por volta da proclamação da República é que Manaus atingiu 10.000 habitantes; note-se que, por essa época, Belém já possuia aproximadamente 60.000 almas, constituindo uma das grandes cidades brasileiras do tempo. Mais do que as transformações políticas e sociais dos fins do século XIX, no Brasil, foi a transformação econômica ligada ao advento do ciclo da borracha que veio beneficiar Manaus, tanto no seu desenvolvimento demográfico quanto urbanístico. De 1889 para 1920, sua população saltou de 10.000 para 75.000 habitantes; crescimento invejável para uma pequena cidade da distante e pouco desenvolvida Amazônia Central.

Da leitura dos relatos de viajantes que visitaram a cidade no início do século atual, percebe-se que a cidade de Manaus, antes mesmo de crescer demográficamente, ganhou a fisionomia de uma grande cidade, devido a sua importante função comercial e portuária. Nesse particular são muito interessantes as observações de Paul Walle, que passou por Manaus por volta de 1908. Diz-nos aquêle autor (9): "La capitale de l'État d'Amazonas a bien l'aspect d'une ville nouvellement édifiée; en effet, il y a vingt ans, Manaos n'était qu'un gros bourg; la ville actuelle a été disputée et gagnée sur la forêt. C'est à présent un grand centre de navigation et de commerce. La population est extrêmement cosmopolite, bien plus encore qu'a Para, et à l'époque de la safra (récolte), on y trouve un assemblage varié d'hommes de toutes races et de toutes couleurs. Cela forme, à certaines époques, une population flottante énorme; il est possible qu'elle atteingne alors le chiffre de 70.000 ou même de 75.000 habitants, peut-être plus; mais ces chiffres, basés sur des renseignements imparfaits et sujets à caution, ne peuvent être donnés comme absolument exacts."

Ao iniciar-se o ciclo da borracha, a imigração para as zonas florestais precedeu a imigração para as cidades, no Estado do Amazonas. Na realidade, aquela pequena massa humana de imigrantes nordestinos, mormente cearenses, que convergiu para a Amazônia nos últimos vinte e cinco anos do século XIX, não veio acrescer de pronto a população das cidades. Em seu livro de 1885, escrevendo para um público francês, dizia Santa Anna Nery, com pon-

(9) WALLE (Paul), *Au Pays de l'Or Noir* (Pará, Amazonas, Mato Grosso), Lib. Orientale & Américaine, E. Guilmoto, Paris — págs. 104-105.

deração (10): "La population des villes n'augmente pas, sans doute, d'une manière assez rapide, pour des causes que nous étudierons plus tard, mais l'interieur se peuple de hardis extracteurs de caoutchouc, et on calcule que d'une seule province brésilienne, de la province de Ceará, l'Amazonie a reçu environ 60.000 imigrants pendant ces dernières années." Aos poucos, porém, não se fizeram esperar, de mil e um modos, os reflexos do desenvolvimento econômico do interior no crescimento da capital. Guardadas as proporções, aconteceu com Manaus um pouco daquilo que se passou com São Paulo, mais ou menos durante a mesma época. São Paulo, à sombra do desenvolvimento econômico do café, cresceu desmesuradamente, controlando a um tempo a expansão ferroviária no planalto, a imigração estrangeira e uma industrialização crescente. Manaus, ao contrário, cresceu sob o impulso de uma *economia de coleta* extensiva, dependendo de correntes de imigração interna, de um mecanismo de circulação moroso ligado exclusivamente aos rios e, tendo que dividir as glórias de metrópole com a cidade de Belém, a maior cidade do norte do país.

Foi exatamente entre 1890 e 1920 que o organismo urbano do pequeno lugarejo do século XIX, que merecera referências tão pouco airosas de Elizabeth Agassiz, veio a sofrer transformações radicais em sua fisionomia urbana. Construiram-se o pôrto e o mercado. Abriram-se avenidas e urbanizaram-se praças. Novos blocos de quarteirões residenciais e ruas espaçosas ampliaram marcadamente a primitiva área da cidade. Alguns pequenos igarapés centrais foram aterrados, ao mesmo tempo que se fez um saneamento extensivo dentro dos moldes preconizados pelo grande higienista Osvaldo Cruz. A capital ganhou uma iluminação pública razoável e um sistema telefônico modesto. Construiu-se o famoso Teatro Amazonas e procedeu-se ao calçamento de um grande número de ruas.

Tudo isso se fazia à sombra do desenvolvimento comercial da cidade. Manaus firmava-se como o grande entrepôsto de exportação dos produtos florestais da Amazônia Central, ao mesmo tempo que adquiria o importante papel de redistribuidor essencial de todos os produtos de importação provindos do Brasil e do exterior. As enormes distâncias que separavam a cidade dos principais centros industriais vieram fomentar, por seu turno, uma pequena indústria de oficinas e "ateliers", cuja função sempre foi muito importante na história da cidade.

Em 1940, a população era de 108.000 habitantes e, em 1950, de 110.678. Note-se que sua população continua crescendo entre

(10) NERY (F. J. de Santa Anna), *Le Pays des Amazones* (L'El-Dorado. Les Terres a caoutchouc), Bib. des Deux-Mondes, L. Frinzine, Paris, 1885.

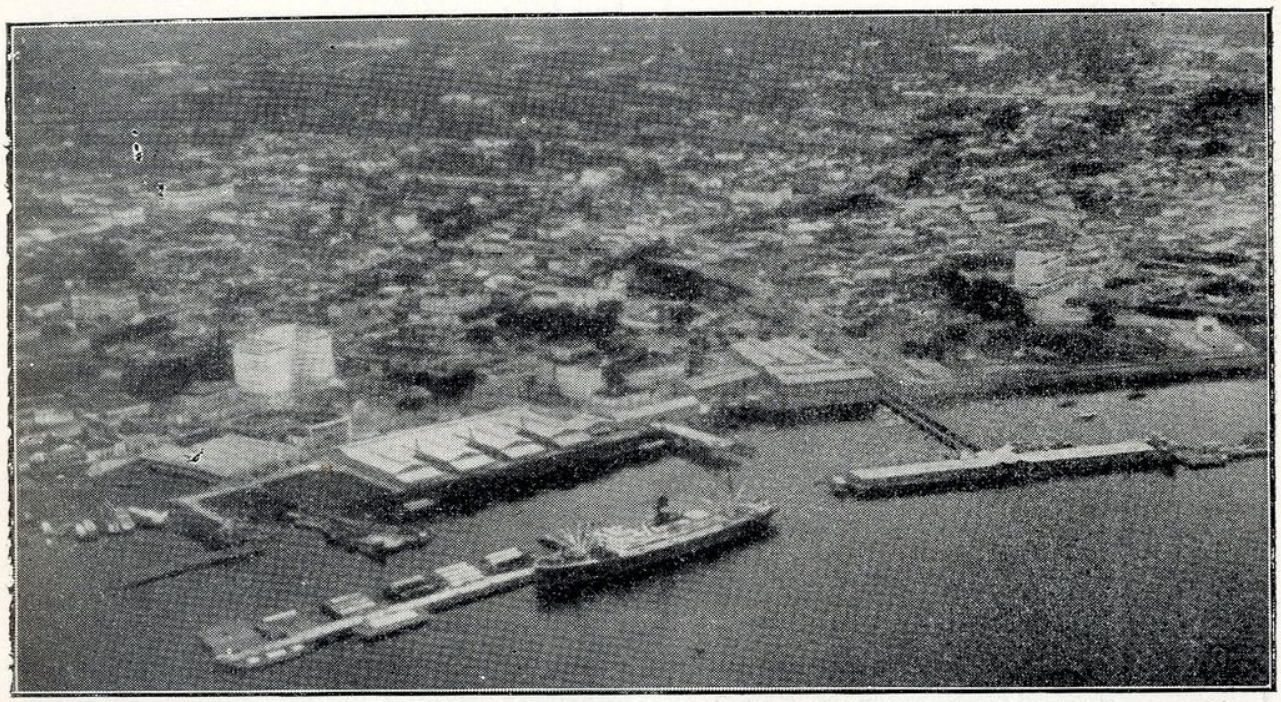

FOTO N.º 1
O Pôrto e o Centro de Manaus, em vista aérea.

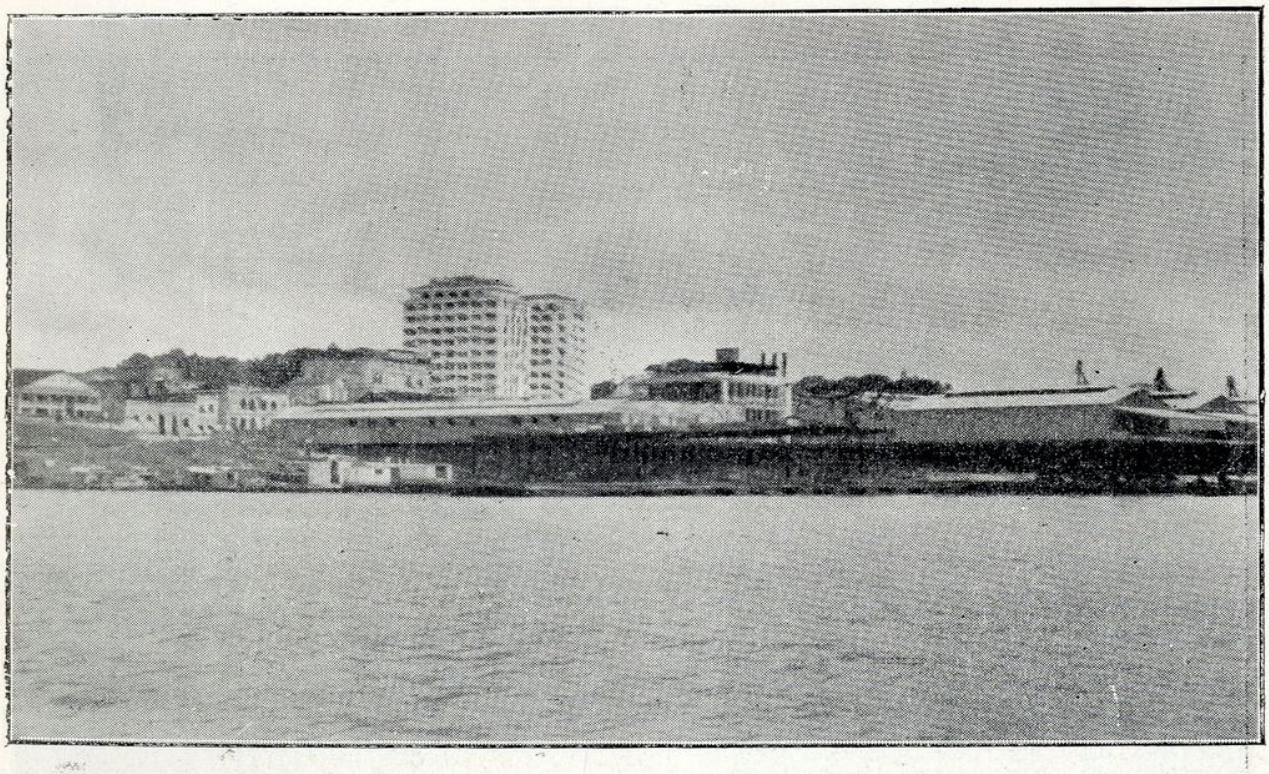

FOTO N.º 2
O Pôrto de Manaus, em vista tomada do Rio Negro, vendo-se a silhueta do edifício do I. A. P. T. E. C.

FOTO N.º 3

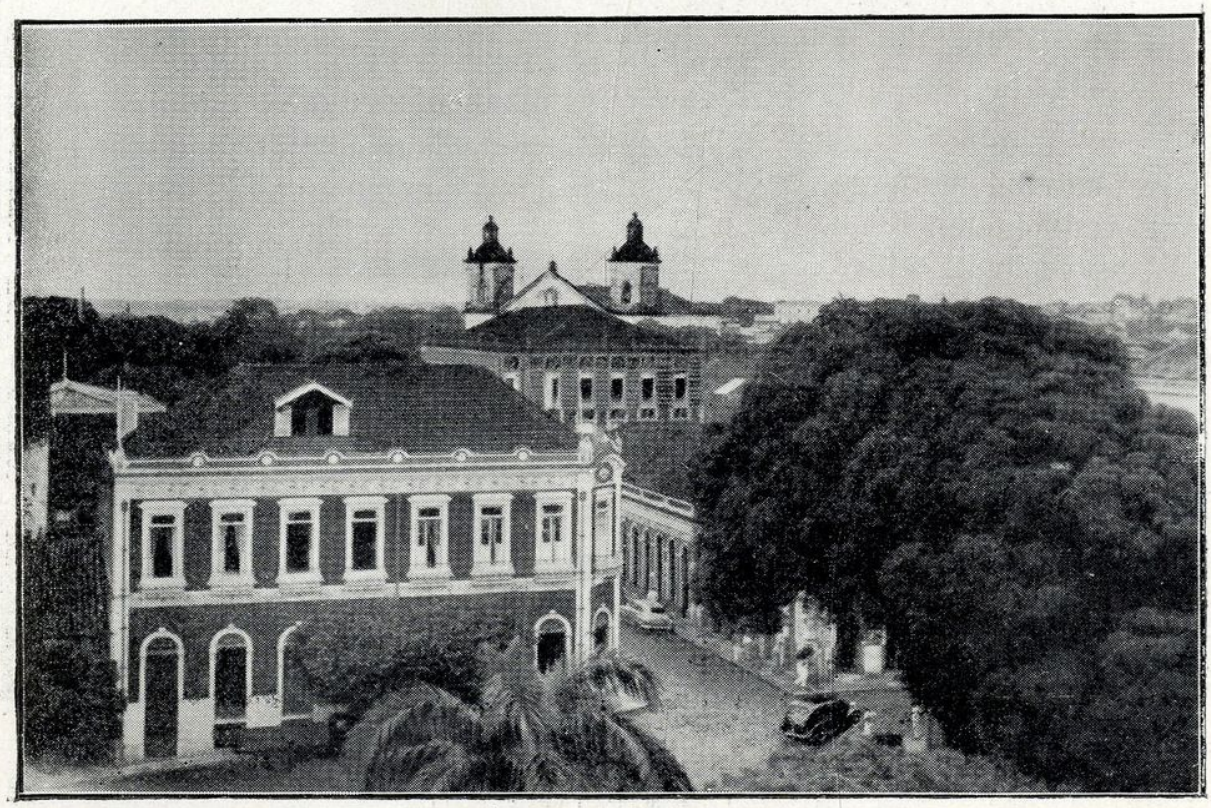

FOTO N.º 4

Paisagens urbanas de Manaus: áreas periféricas do Centro da Cidade.

1920 e 1940, enquanto a de Belém sofreu um ligeiro decréscimo. Mais recentemente, porém, o aumento da população tem sido mínimo. Inúmeros problemas urbanos novos têm atingido a cidade, a começar pela constante falta de energia elétrica que veio influir na iluminação pública e nos transportes coletivos, obrigando a cidade a viver às escuras (exceção feita apenas para uma pequena porção do Centro) e estancando a aptidão industrial que, sempre a caracterizou.

Nos seus trinta anos de crescimento acelerado (1890-1920), a cidade viveu dias de grande movimentação, pretendendo transformar-se diretamente em uma metrópole moderna. A instabilidade dos preços do seu principal produto de exportação e a falta de diferenciação no pequeno grupo de produtos exportáveis acarretou consequências graves para o crescimento da cidade. Le Cointe, que publicou o seu excelente livro sôbre a Amazônia quase que ao término dêsse período de esplendor de Manaus, diz com muita razão (11): "on commença tout, on termina peu des choses"... Muita coisa do que se fez foi um tanto forçado, perdendo, quase imediatamente depois, suas funções e objetivos principais. O certo, porém, é que a êsse tempo estruturou-se a segunda grande cidade brasileira da Hiléia, exatamente aquela que, por sua posição equatorial e central, é um dos mais legítimos orgulhos das tradições de trabalho do homem brasileiro em face do imenso território intertropical que a história lhe legou.

O pôrto de Manaus. — No conjunto das funções urbanas da capital amazonense, onde a função comercial ocupa papel de primeira plana, avulta a importância do pôrto de Manaus. Trata-se do maior pôrto fluvial do Brasil e de um dos oito maiores portos do país.

Possúi o pôrto de Manaus 1.313 m de extensão de cáis flutuante para profundidade de 20 m. Seus armazens totalizam uma área de 19.031 m², possuindo capacidade para 38.062 toneladas. Servem as atividades do pôrto 19 guindastes de 2 a 3 toneladas cada um (12).

O sítio do pôrto Manaus correspondente a um trecho da margem de ataque principal do rio Negro, possúi condições de acesso e atracação das melhores que se poderia desejar. Para escapar aos efeitos da gigantesca oscilação anual das águas do rio Negro, cons-

(11) LE COINTE (Paul), *L'Amazonie Brésilienne,* ed. Augustin Challamel,, Paris, 1922, vol. I pág. 37.

(12) Veja DEPARTAMENTO NACIONAL DE PORTOS E NAVEGAÇÃO, *Portos e Navegação, Rio,,* 1940.

truiu-se o pôrto pelo sistema de cais flutuantes, conseguindo-se obter uma profundidade média de 12 a 24 m em toda a extensão do embarcadouro. Desta forma, como bem anotou Paul Le Cointe (13), a estrutura do aparelho portuário de Manaus foi idealizada e construida dentro de um plano "tão simples quanto prático."

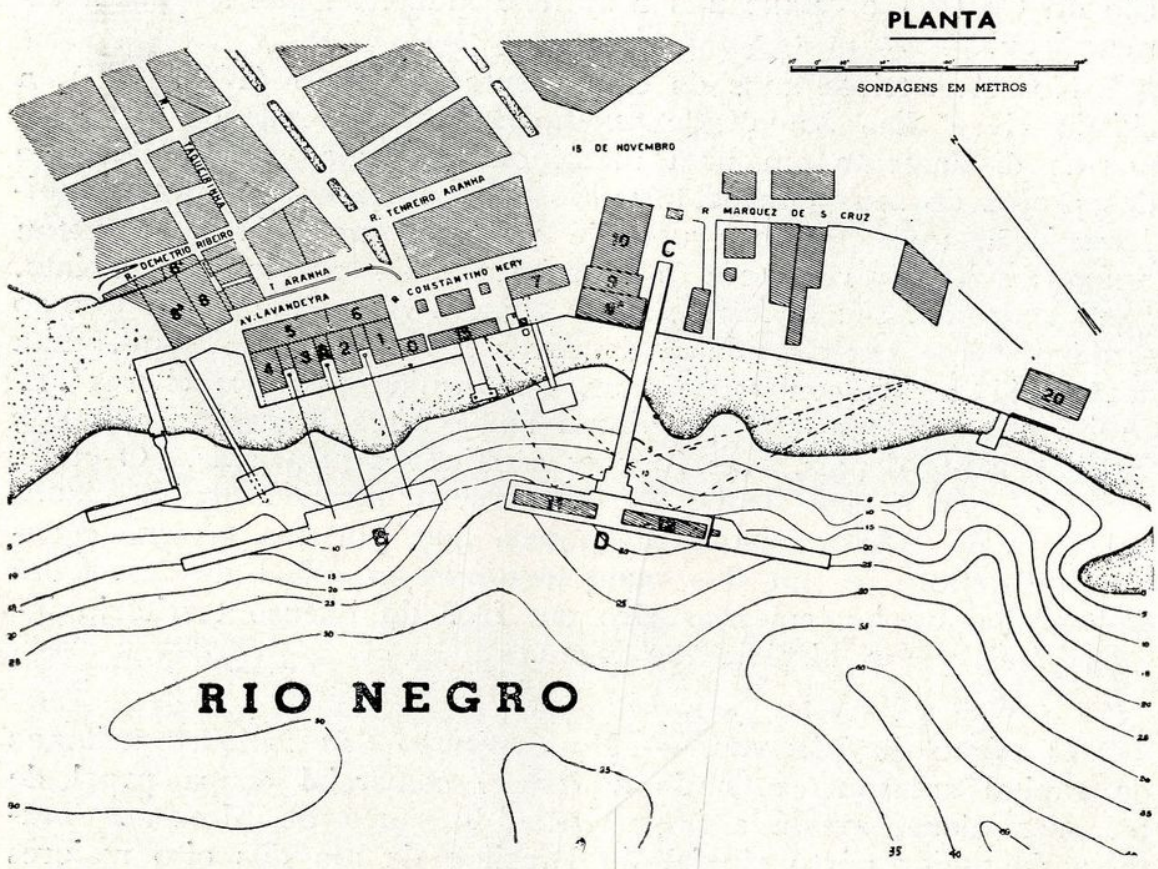

FIG. 4 — *Planta do Pôrto de Manaus.* (Extraído de "Portos e Navegação do Brasil" do Dep. Nac. de Portos e Nav. — 1940).

Falando-se sôbre o pôrto de Manaus, sua estrutura, seus elementos e sua paisagem, assim se expressa Paul Le Cointe (14): "Dois grandes cais flutuantes, construidos sôbre flutuadores cilíndricos de 2 metros de diâmetro e 5 metros de comprimento, conseguem manter, em excelentes condições, o embarque e o desembarque das mercadorias e dos viajantes. Em um dêles, de 200 metros de comprimento e 26 de largura, estabelecidos sôbre 30 séries de 4 cilindros cada um, encostam unicamente navios transatlânticos;

(13) LE COINTE (Paul), obra citada, vol. I. pág. 44.
(14) LE COINTE (Paul), obra citada, págs. 44-45.

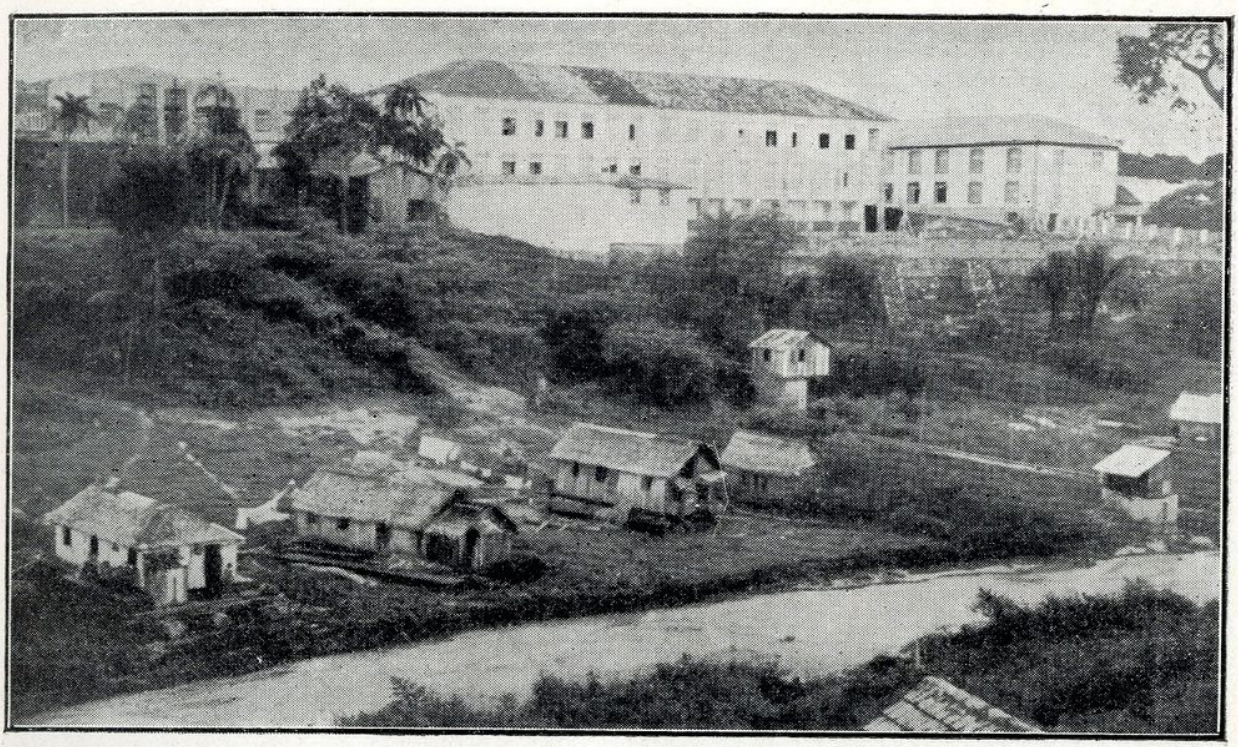

FOTO N.º 5

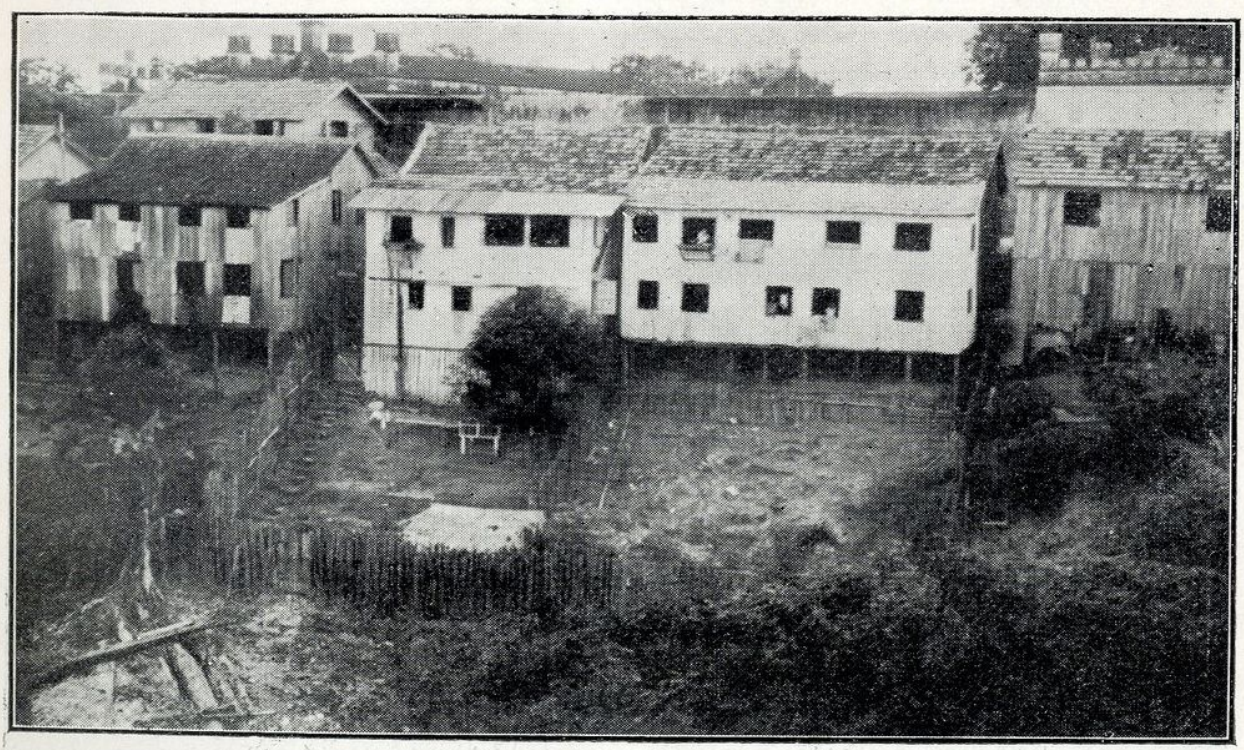

FOTO N.º 6

A ocupação dos flancos e fundos dos igarapés em Manaus: casas flutuantes na estagem e sobradões de madeira.

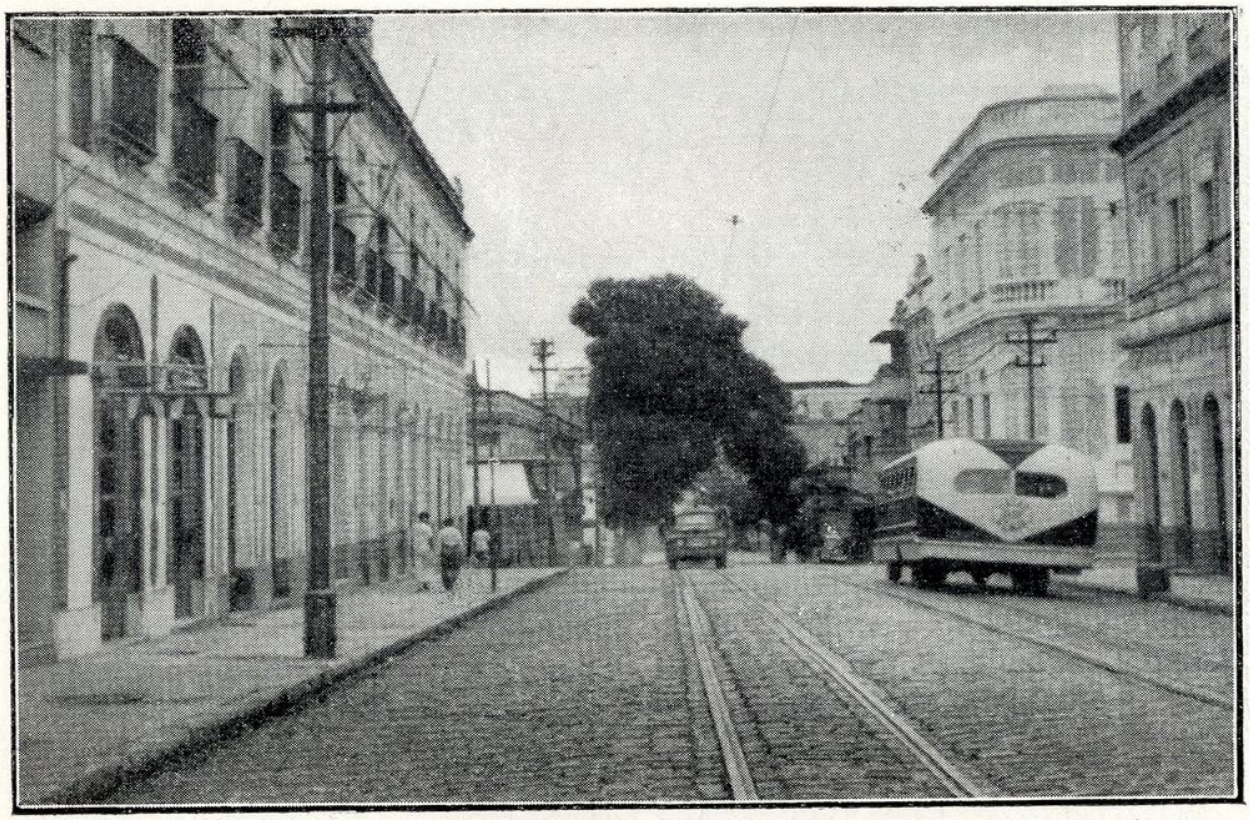

FOTO N.º 7

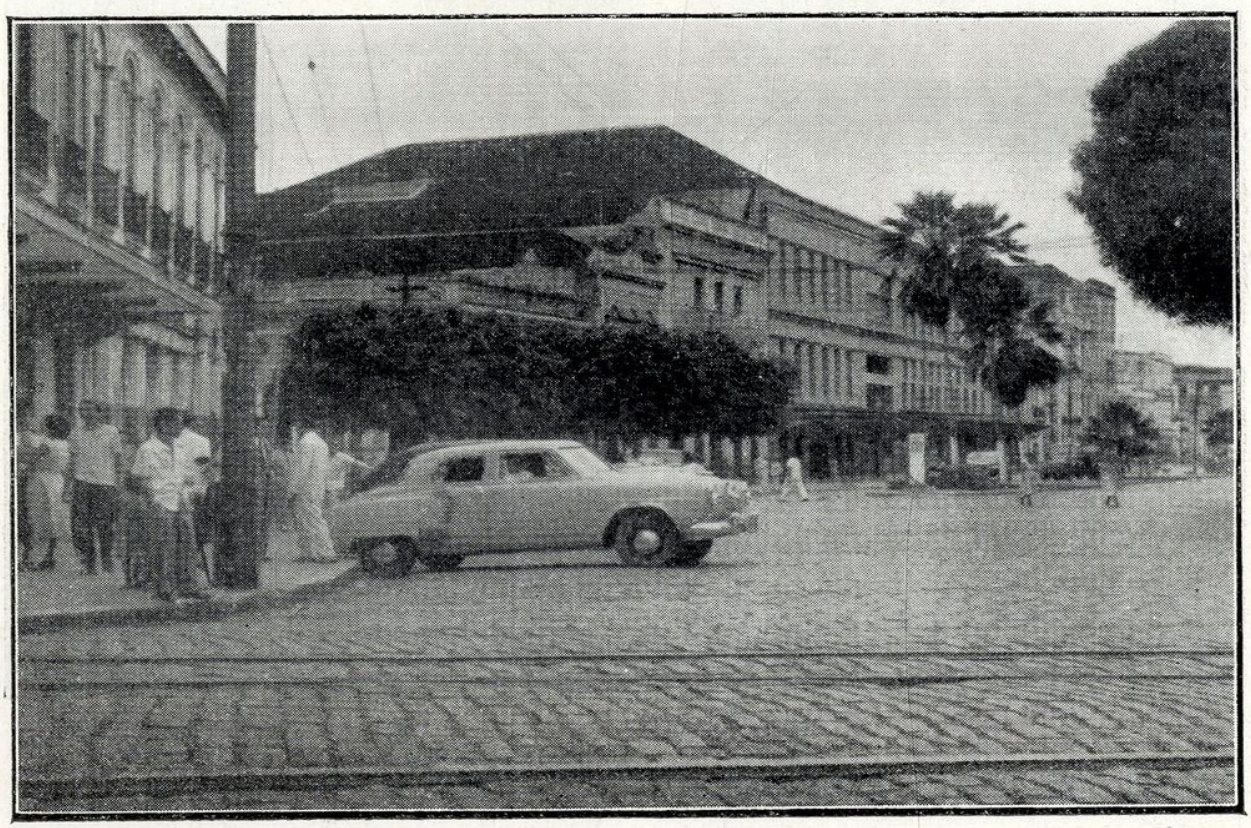

FOTO N.º 8
Paisagens urbanas do Centro de Manaus e adjacências.

êle se liga aos armazens situados em terra por três carros aéreos de tração elétrica montados sôbre sólidas torres de aço de 21 metros de altura e que transpõem um espaço de 153 metros. O outro é reservado aos navios que fazem a navegação de cabotagem e àqueles que servem às linhas fluviais: êle se comunica com os cais dos armazens por um plano inclinado articulado, flutuante, de 167 metros de comprimento e 12 de largura, que possibilita acesso fácil, qualquer que seja o nível do rio Negro. Vastas docas, construidas sôbre a linha dos cais, consideràvelmente ampliada por um atêrro, e sôbre uma grande plataforma mantida por estacas, servem de entrepostos ou são utilizadas para atividade aduaneiras cujos serviços administrativos foram reunidos em um edifício especialmente construido para êsse fim." — "O conjunto das construções portuárias não poderia em caso algum ser estético, mas êle possúi um grande inconveniente — que poderia ser evitado em parte por um melhor agrupamento dos edifícios — que é o de esconder completamente a vista do rio e dificultar a ventilação dos quarteirões ribeirinhos, que são os mais frequentados e movimentados de Manaus."

A despeito de pequenas modificações introduzidas no quadro descrito há mais de trinta anos por Le Cointe, êle ainda é perfeitamente válido para uma boa compreensão do pôrto de Manaus (15). O aparelho portuário continua sendo uma espécie de órgão postiço em face do centro principal da cidade, não se entrosando estèticamente com o corpo do organismo urbano manauense, muito ao contrário do que se sucede em Belém.

No setor econômico, Manaus é ainda o grande pôrto de exportação da borracha da Amazônia Central e Ocidental. Todo o volume da sua cabotagem tem girado em tôrno da borracha bruta ou semi-manufaturada, e, secundàriamente, em tôrno da castanha exportada a granel. De resto, os inúmeros pequenos produtos da região não perfazem grande volume, interessando à cabotagem apenas na categoria de produtos "ancilares". Em contraste, a importação é a mais variada possível, desembarcando em Manaus os mais diversos produtos nacionais e estrangeiros, já que a cidade é a grande redistribuidora de uma área territorial superior a 2 milhões de quilômetros quadrados dentro da Amazônia Brasileira. Desta forma, Manaus, através de seu interessante e importante pôrto, possúi a função regional de grande porta de ocidentalização para as regiões equatoriais da Amazônia Brasileira.

(15) Em FIGUEIREDO (Lima), *Terras de Mato Grosso e da Amazonia*, cap. 50, págs. 331-337 (Ed. "A Noite", Rio), existe uma pequena mas interessante descrição do aparelho portuário manauense.

Paisagem urbana de Manaus. — O coração urbano da capital do Amazonas apresenta-nos um aspecto muito singelo, denotando traços de paisagem arquitetônica peculiares a quase todas as capitais brasileiras do Norte e Nordeste. De fato, a parte central de Manaus mostra-nos a herança arquitetônica, pouco transformada, resultante da fase de crescimento vivida pela cidade nos primeiros anos do século atual. Apenas alguns raros edifícios isolados, da era dos arranha-ceus, estão rompendo a paisagem extremamente homogênea do casario maciço e razo de Manaus. É assim que o edifício do IAPETEC e o "Hotel Amazonas", com suas linhas ultra-modernas, contrastam sobremaneira com a fisionomia precocemente envelhecida do grande entrepôsto da Amazônia Ocidental.

O praça Osvaldo Cruz, que asila a velha e grandalhona Catedral de Manaus, situa-se irregularmente entre a zona portuária e a encosta das colinas que formam a zona comercial da cidade. O fundo da velha praça, que outrora dava para o rio, é barrado pela existência dos edifícios da Alfandega e do Pôrto. Ruas laterais dão acesso, de um lado, aos armazens do cais e, de outro, ao grande Mercado Municipal de beira-rio. Antigamente, entre o sítio da Alfândega e a zona do Mercado existia a embocadura de um pequeno igarapé, o qual foi inteiramente soterrado e incorporado ao sítio urbano da porção central da cidade.

Com as dificuldades de obtenção de energia elétrica e a supressão dos serviços de bondes elétricos, a praça Osvaldo Cruz tornou-se o centro de irradiação das inúmeras linhas de ônibus que servem a cidade. O nome do grande médico brasileiro foi dado ao logradouro central de Manaus, em tributo à memória do higienista cujos planos de saneamento alcançaram até mesmo a longínqua capital do Estado do Amazonas.

Nas ruas transversais e paralelas à praça Osvaldo Cruz, concentram-se os grandes e velhos edifícios comerciais da cidade. Alí, espremidos apenas em um dos lados da praça irregular, encontram-se os bancos, o Correio, a Associação Comercial, as lojas e armazens das grandes firmas importadoras e exportadoras, além de um bom número de edifícios administrativos. As poucas avenidas mais largas que foram rasgadas nos princípios do século, saem da praça Osvaldo Cruz e demandam os níveis mais elevados das colinas, contendo residências finas, clubes e edifícios públicos.

É de se notar que não variou muito a paisagem da porção central de Manaus, desde o começo do século até nossos dias. Tanto as fotografias antigas quanto as descrições de viajantes que por lá passaram há trinta ou quarenta anos atestam essa ausência de transformações recentes, dignas de maior nota. Paul Walle, que

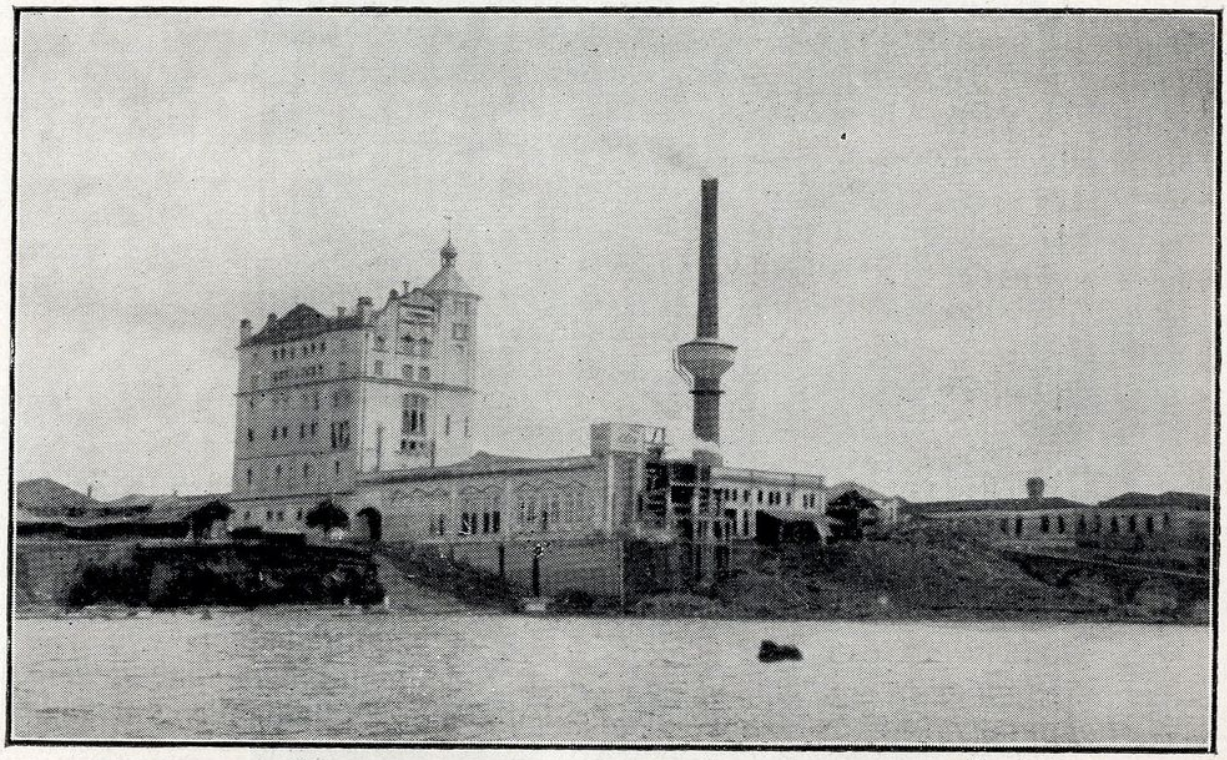

FOTO N.º 9

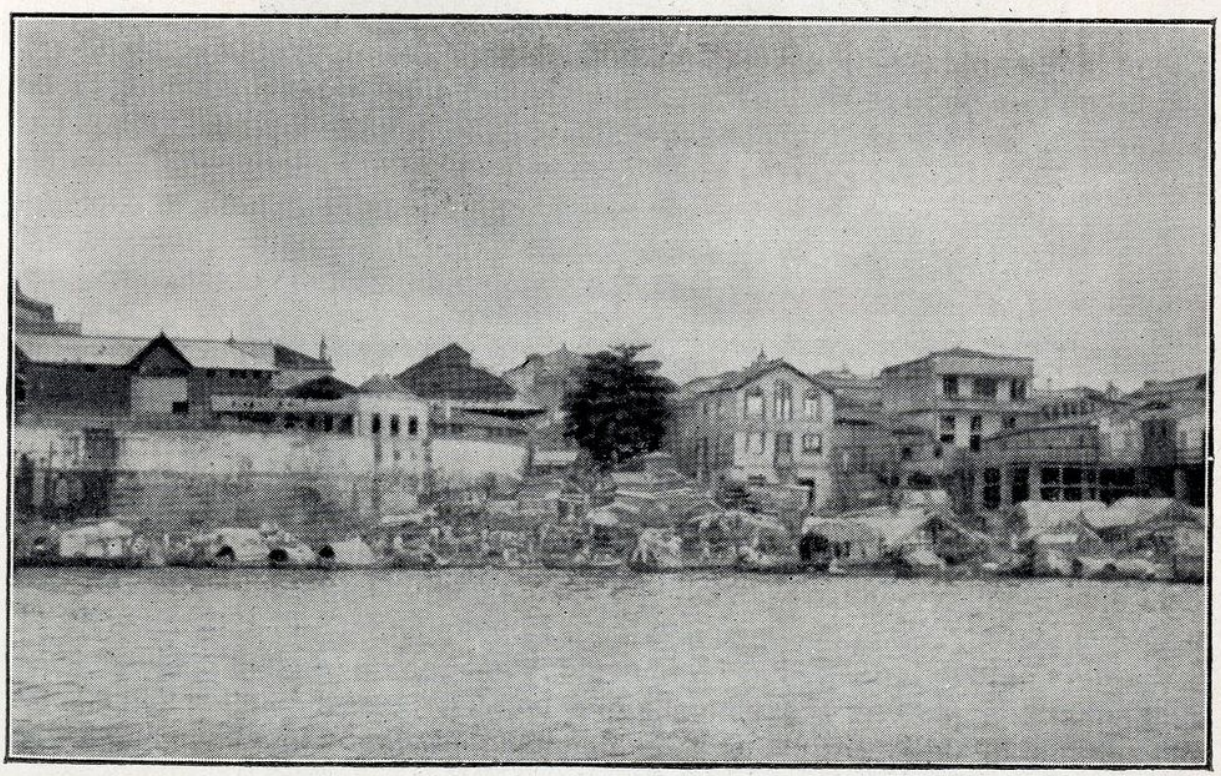

FOTO N.º 10

Manaus vista do Rio Negro: a fábrica de cerveja e o caes do Mercado e seu caótico movimento.

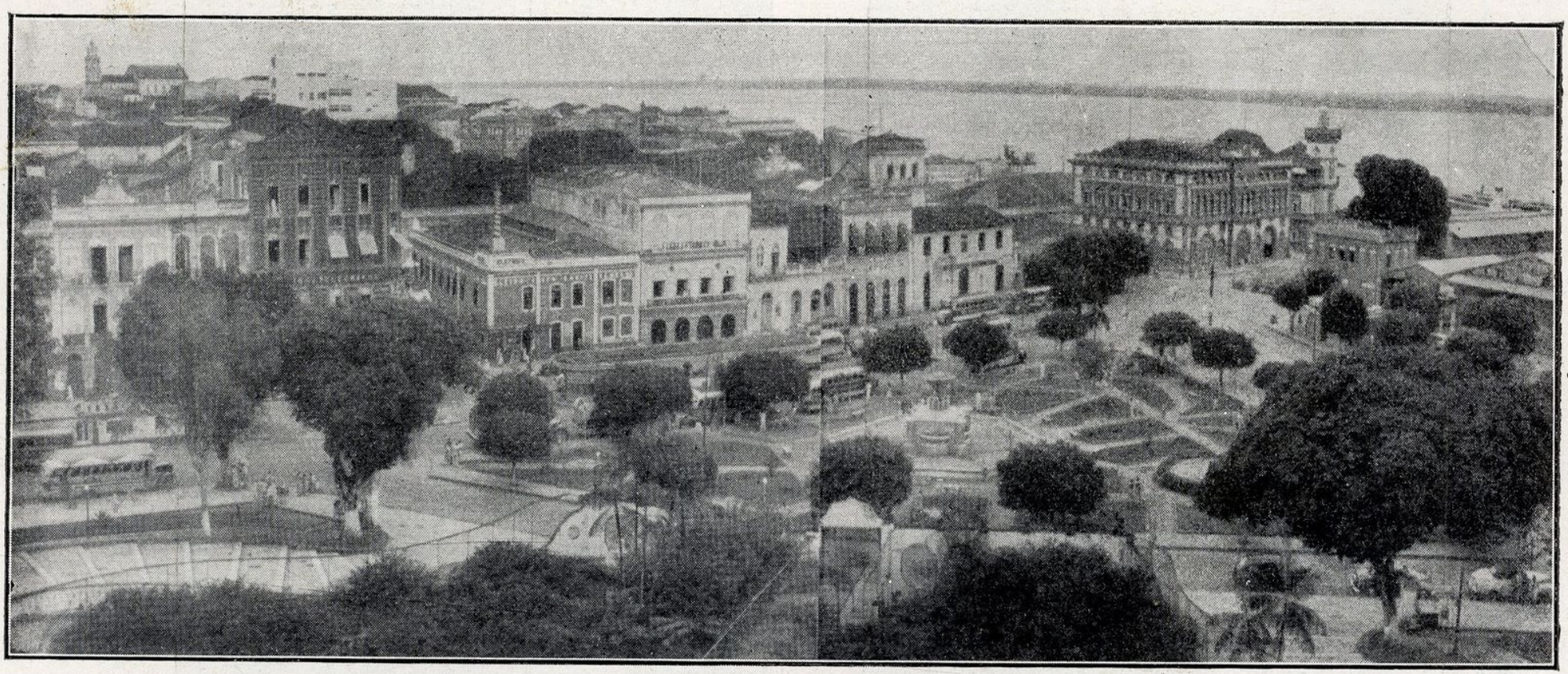

FOTO N.º 11
Paisagem urbana da zona comercial do Centro de Manaus.

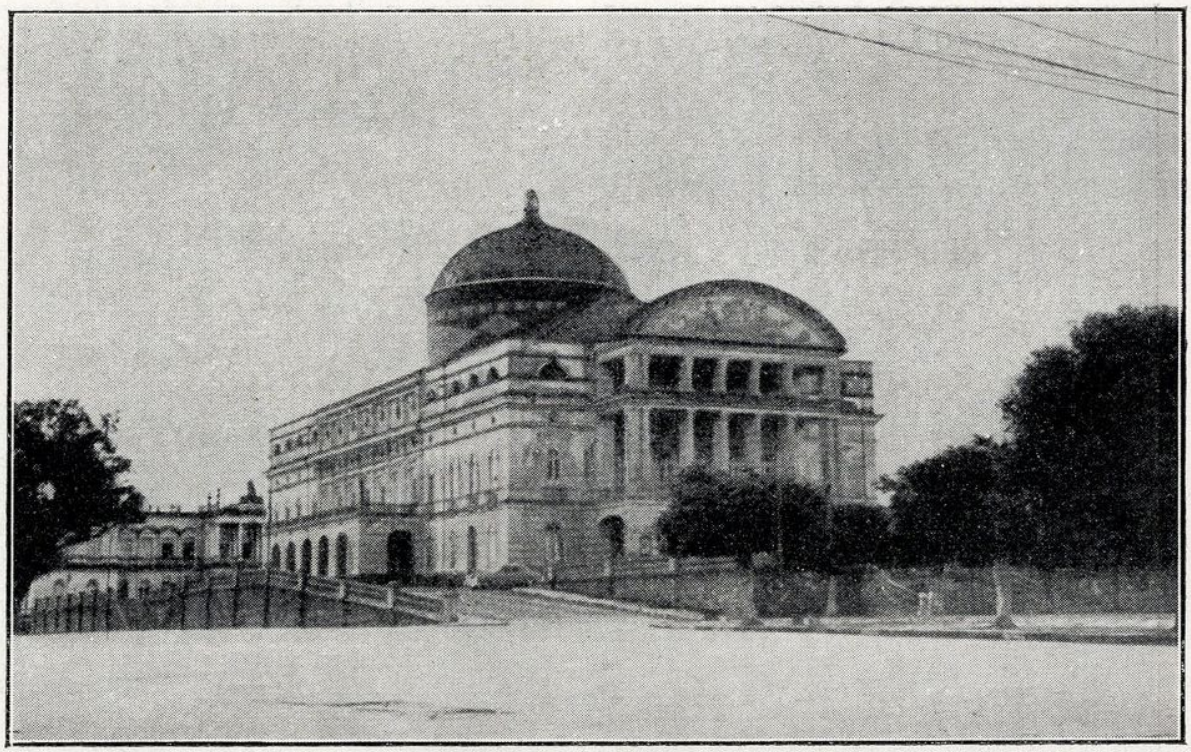

FOTO N.º 12
O edifício famoso da cidade: Teatro Amazonas.

FOTO N.º 13
Zona comercial dos arredores do Mercado Municipal de Manaus.

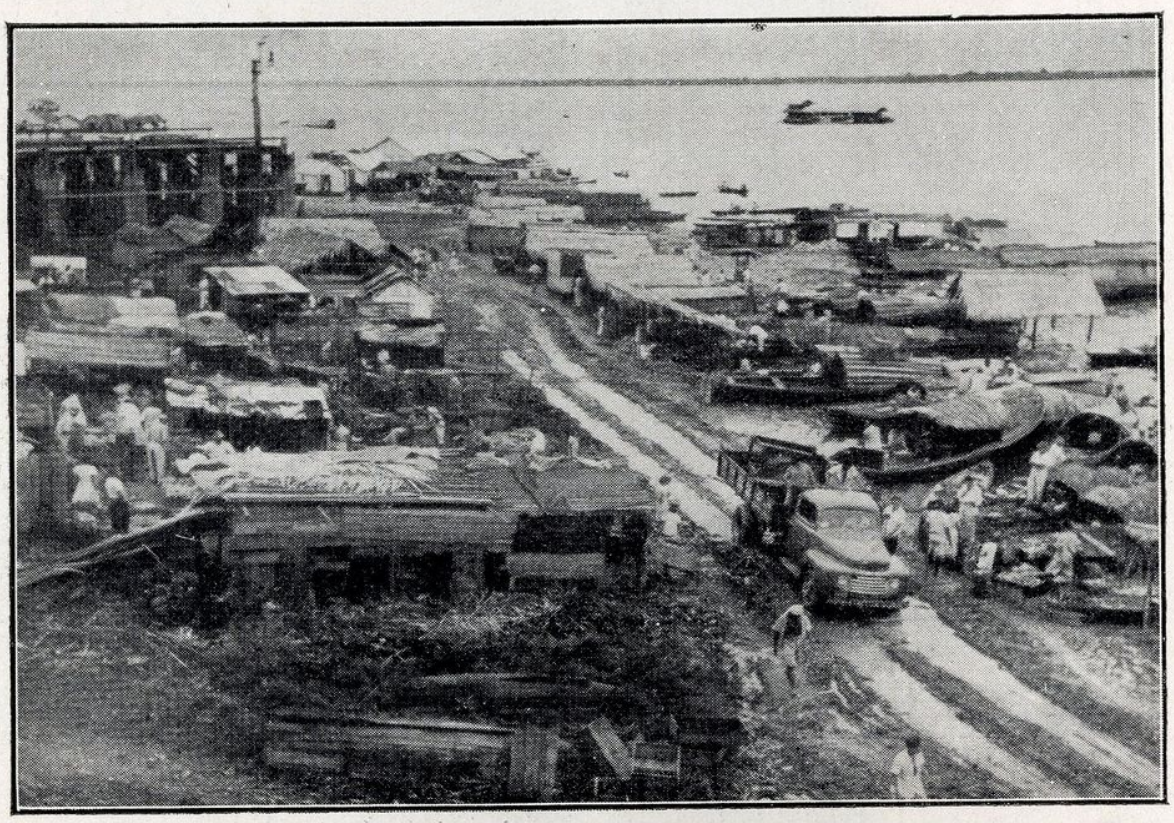

FOTO N.º 14

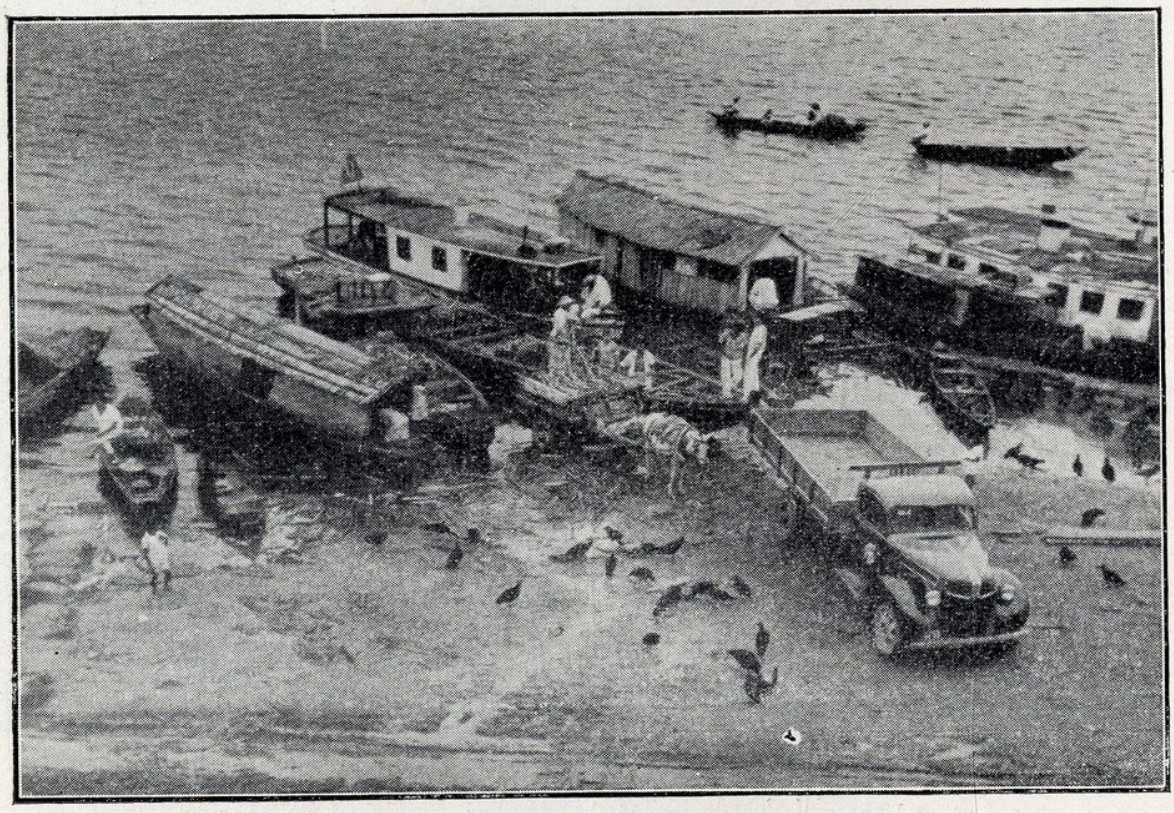

FOTO N.º 15
Paisagens do caes do Mercado, em plena estiagem.

visitou a cidade em 1908, encontrou-a, aparentemente, muito parecida com aquela que visitamos em 1953. Foi com as seguintes palavras que o minucioso viajante retratou a capital do Estado (16): "En débarquant, le voyageur se trouve aussitôt sur une place, moitié jardin, un peu en pente, mais des mieux entretenues; au fond, on aperçoit la cathédrale, édifice d'architecture simple et d'interieur modeste." — "De cette place, partent des rues larges, flanquées de chaque côté d'édifices modernes, de maisons de commerce exhibant tout les produits de l'art et de l'industrie mondiale. Les édifices publics attestent la richesse et l'état de progrés de la naissante métropole amazonienne. Le théâtre est un monument vraiment somptueux; c'est de tous les édifices celui qui attire le plus l'attention du voyageur par son architecture imposante et d'un ensemble heureux. Erigé sur une elevation, il domine la ville avec sa coupole aux couleurs vives." Salvo os dois grandes edifícios modernos, a que já aludimos, o centro de Manaus ainda é o mesmo que foi descrito pelo géografo Paul Walle.

Restou-nos a tarefa de descrever algumas paisagens urbanas de Manaus que ainda não mereceram uma divulgação suficiente. Nêsse sentido, lembramo-nos logo do cais do Mercado, que pela sua paisagem e movimentação é capaz de constituir um quadro visual indelével para os que visitam Manaus. Já conhecíamos a rampa do Mercado do Salvador, com seus saveiros atopetados de mercadorias; já tínhamos tomado contato com o cais das barcaças do Ver-o-pêso, cujas vigilengas multicolores mereceram a atenção de Antônio Rocha Penteado (17); entretanto, nada de semelhante em rusticidade e variedade de aspecto, pudemos encontrar que fôsse comparável ao cais do Mercado de Manaus no Rio Negro.

Atrás do Mercado, em plena área das praias de estiagem, situa-se o desarranjado e formigante cais das barcas, barcaças e canoas que abastecem o entreposto. Durante a vazante, a rampa arenosa se alarga, enquanto durante as cheias o nível das águas, elevado de 5 a 6 m, em media, encontra-se no alto paredão dos fundos do Mercado, atingindo as duas rampas laterais pavimentadas que dão acesso à rua comercial da frente do edifício.

Barracas de madeira, cobertas de folhas de flandres, ocupam temporária e sazonáriamente as rampas laterais, como que num extravasamento incontrolável do organismo movimentado do Mercado na direção do rio e do ar livre. Barcos e canoas, de todos os tamanhos e tipos, não raro com a forma bizarra e oriental de ver-

(16) WALLE (Paul), *Au Pays de l'Or Noir* — págs. 105-106.
(17) PENTEADO (Antônio Rocha), *Vigilengas do Baixo Amazonas*, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 2, págs. 32-42, São Paulo, 1949.

dadeiros *sampangs*, movimentam e dão côr local à paisagem da grande cidade fluvial brasileira. Através de curiosos fenômenos de convergência repetem-se, alí, fatos, cenas e paisagens peculiares a muitas cidades fluviais situadas em terras da longínqua China ou da India, conforme uma observação feliz que nos foi feita pelo Professor Wladimir Besnard.

Uma nota desagradável e relativamente de exceção em face das boas condições higiênicas gerais da cidade de Manaus é o acúmulo de lixo atrás do Mercado, durante a vazante: cascos de tarturgas gigantes, bagaço de cana e cascas de frutas são jogadas sem maiores cuidados na praia de estiagem. Espera-se que o rio suba de nível para arrastar os resíduos acumulados, o que positivamente é um fato absurdo. Daí a ronda calma e constante dos urubus, na zona do Mercado e adjacências. Impõem-se vencer tais irregularidades de exceção, assim como outros pequenos detalhes importantes, a fim de dar continuidade a um saneamento planificado da grande cidade equatorial brasileira. Tanto as grandes inundações como as vazantes extremadas acarretam problemas ao homem das zonas ribeirinhas, exigindo soluções especiais dos que são responsáveis pelas coisas públicas.

BIBLIOGRAFIA

AB'SÁBER, Aziz Nacib — 1953 — *Na região de Manaus.* — Boletim Paulista de Geografia, n.º 14, julho de 1952. São Paulo.

AGASSIZ, Luís (e) AGASSIZ, Elizabeth Cary, *Viagem ao Brasil* (1865-1866), tradução brasileira de Edgar Süssekind de Mendonça. Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938.

BATES, Henry Walter — 1863 — *The naturalist on the River Amazonas.* 2 vols. London. 1944 — *O naturalista no Rio Amazonas.* 2 vols. Brasiliana, vol. 237, Comp. Ed. Nacional. São Paulo.

DUQUE-ESTRADA, Osorio — 1909 — *O Norte.* — Livraria Chardron. Pôrto.

FIGUEIREDO, Lima — *Terras de Mato-Grosso e da Amazonia.* — Ed. S.A. A Noite. Rio de Janeiro. (Sem data)

GOUROU, Pierre — 1949 — *Observações geográficas na Amazônia.* (Primeira parte). — Revista Brasileira de Geografia, ano XI, julho-setembro de 1949, n.º 3, pp. 355-408. Rio de Janeiro.

LA CONDAMINE, Charles de — 1944 — *Viagem na América Meridional.* — Biblioteca Brasileira de Cultura, n.º 1, Editora Pan-Americana S/A. Rio de Janeiro.

LE COINTE, Paul — 1922 — *L'Amazonie Brésilienne.* — 2 vols., Augustin Challamel, Ed. Paris.

LIMA, Bertino de Miranda — 1908 — *A cidade de Manáus: sua história e seus movimentos políticos.* — Renaud, Manáus.

MONTEIRO, Mário Ypiranga — 1952 — *Fundação de Manáus: aspectos do panorama histórico-social do antigo Lugar da Barra.* 2.ª ed. Manáus.

MOURA, Pedro de — 1944 — *O Relêvo da Amazônia.* — Revista Brasileira de Geografia, ano V, n.º 3, julho-setembro de 1943, pp. 323. — Rio de Janeiro.

PLANE, Auguste — 1903 — *L'Amazonie*. Libr. Plon. Paris.
REIS, Arthur Cezar Ferreira — 1935 — *Manaos e outras villas*. Manaos.
SANTA-ANNA NERY, F. J. — 1885 — *Le Pays des Amazones. L'El — Dorado. Les terres a caoutchouc*. — Bibliot. des Deux-Mondes, L. Frinzine et Cie. Eds. Paris.
SOARES, Lucio de Castro — 1950 — *Observações sôbre a morfologia e margens do Baixo Amazonas e Baixo Tapajós* (Pará-Brasil). — União Géogr. — Comptes Rendus du Congrés Intern. de Géogr. de Lisbonne, vol. II, pp. 748-761. Lisbonne.
SPIX, J. B. (e) MARTIUS, C. E. P. von — 1823 — *Reise in Brasilien*. 3 vol. Gedruck bei M. Lindauer, München. — 1938 — *Viagem pelo Brasil*. Terceiro Volume. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro.
WALLACE, Alfred Russel — 1870 — *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. London. — 1939 — *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. — Brasiliana. Série V, vol. 156. Comp. Ed. Nacional. São Paulo.
WALLE, Paul — *Au Pays de l'Or Noir*. Para, Amazonas, Mato Grosso. — Libr. Orientale & Americaine. E. Guilmoto, Ed. Paris.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura